

A dispersão do sujeito no discurso de Ana Maria Machado

Simone Michelle Silvestre

Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Caixa Postal 6120 - Campinas – SP – Brasil

silvestr@unicamp.br

Abstract. This text aims at analyzing, in terms of discourse, how Ana Maria Machado conceives her literary process as a writer of children's books. More specifically, analyze, in a determined number of headlines from her personal website (www.anamariamachado.com.br), which are the author's discursive positions and detect the dispersion in her discourse, that is not characterized by the unit, but by the subject's dispersion. Dispersion that, according to Foucault, is apprehended within the subject because of the different discursive positions which that subject occupies along the discourse. To analyze such dispersion, we have selected five headlines from Machado's website sessions named *Caderno de Notas: Tudo ao mesmo tempo agora* e *Caderno de Notas: Do outro lado tem segredos*.

Keywords. *Discourse; discursive positions; dispersion; literary process; Ana Maria Machado*

Resumo. Este trabalho tem o objetivo de analisar discursivamente como Ana Maria Machado concebe seu processo de escrita enquanto escritora da literatura infanto-juvenil. Mais especificamente, analisar, em um determinado número de enunciados do seu website pessoal (www.anamariamachado.com.br), quais são as posições discursivas ocupadas pela autora e detectar a dispersão em seu discurso, já que esse não é atravessado pela unidade do sujeito e sim pela sua dispersão. Dispersão que, para Foucault, é apreendida no sujeito por causa das diferentes posições discursivas que este sujeito ocupa ao longo do discurso. Para analisarmos tal dispersão, selecionamos cinco enunciados que fazem parte da sessão *Caderno de Notas: Tudo ao mesmo tempo agora* e *Caderno de Notas: Do outro lado tem segredos* do website da autora.

Palavras-chave. *Discurso; posição discursiva; dispersão; processo de escrita; Ana Maria Machado.*

1. Introdução e Fundamentação Teórica

Observamos, a partir de uma análise preliminar, que a apresentação de Ana Maria Machado enquanto representante da literatura infanto-juvenil é intensamente trabalhada em seu website oficial. Para a construção dessa representação, recursos como

cores, imagens, fotografias, sons, letras, palavras e enunciados são demasiadamente explorados. Representação que foi pensada e construída nos enunciados do site e que evidencia, em um primeiro momento, o escritor como um sujeito marcado pela unidade e pela singularidade.

A partir de uma análise mais detalhada, percebemos, entretanto, que os enunciados têm muito mais a dizer do que simplesmente conferir a aparição e a exibição de uma pessoa que concebe e articula seus pensamentos a partir de uma unidade plena. Notamos que há um espaço para o dizer que é preenchido por “diferentes indivíduos”. Estes o ocupam ao formularem enunciados que seguem lógicas e assumem formas distintas, rejeitando assim qualquer concepção unificante do sujeito. Sendo assim, podemos afirmar que há várias posições discursivas assumidas por Ana Maria Machado nos enunciados do seu site, o que confirma o conceito de discurso como um sistema de dispersão, proposto por Foucault. É justamente isto que pretendemos analisar nos enunciados de Ana Maria Machado: o fato de ocupar diferentes posições discursivas mostra a dispersão do sujeito, concretizada nos enunciados de seu discurso.

Gostaríamos agora de discorrer brevemente como Foucault concebe a dispersão no sujeito e no discurso desse sujeito. Foucault (1969) define o discurso como um conjunto de enunciados que remetem a uma mesma formação discursiva¹. Para o filósofo, a análise de uma determinada formação discursiva consistirá na análise dos enunciados que a compõem.

A noção de enunciado em Foucault é contraposta à idéia de proposição e de frase e concebida como unidade elementar responsável pela formação do discurso. Foucault (1969) enumera quatro características constitutivas do enunciado: a relação do enunciado com o seu “referencial”, isto é, aquilo sobre o que o enunciado enuncia; a existência de um domínio, ou seja, todo enunciado está associado a uma série ou a um conjunto de enunciados, desempenhando um papel no meio dos outros, apoiando-se neles e se distinguindo deles; o enunciado enquanto objeto; e por último, a que diz respeito à relação do enunciado com o seu sujeito, característica que mais nos interessa devido à importância desta idéia para nosso trabalho.

De acordo com Brandão (1993), Foucault ocupa a vertente oposta à da concepção idealista do sujeito que, interpretado como o fundador do pensamento e do objeto pensado, enxerga a história como um processo sem ruptura em que os elementos são introduzidos continuamente no tempo concebido como totalização. Uma vez que rompe com a concepção do sujeito enquanto instância fundadora da linguagem, o filósofo propõe uma nova visão da história como ruptura e descontinuidade e onde não há lugar para um projeto divino ou humano. Passa a atribuir à instância singular do discurso uma posição privilegiada, em que a matéria de uma análise histórica descontínua se realiza no discurso, sem referência à ação diretora que o fim exerce sobre os meios ou a subjetividade fundadora. Foucault (1969) defende que descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que “ele diz”, “quis dizer” ou “disse sem querer”, mas em determinar qual é a posição discursiva que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser o sujeito das operações de significação que os enunciados viriam manifestar na superfície do discurso.

Desta forma, ele propõe que o discurso não é atravessado pela unidade do sujeito e sim pela sua dispersão, dispersão decorrente das várias posições discursivas possíveis de serem assumidas pelo sujeito no discurso: “as diversas modalidades de enunciação

em lugar de remeter à síntese ou à função unificante do sujeito, manifestam a sua dispersão”. (p.69)

A partir destas considerações, analisaremos cinco enunciados das duas sessões do website de Ana Maria Machado, a fim de descrever a dispersão do sujeito que ocupa várias posições discursivas para conceber a propósito de seu processo de escrita enquanto escritora.

2. Como Ana Maria Machado concebe seu processo de escrita

Como já foi mencionado anteriormente, os enunciados a seguir propõem como Ana Maria Machado concebe seu processo de escrita enquanto escritora e foram extraídos de duas sessões do website oficial da autora.

(1) “Do meu ponto de vista, eu **escrevo sempre a partir de duas coisas**: o que eu **lembro** e o que eu **invento**. **Memória e imaginação** são as duas grandes fontes do que eu faço”.

(2) “**Escrevo o tempo todo**, não só quando estou diante do papel ou do computador - esse é só o momento final, em que as palavras saem de mim e tomam forma exterior. A **minha criação** é assim, um **processo meio milagroso, que a gente não sabe de onde vêm nem como se desenrola**. **Procuro merecer, estar pronta, criar condições**. **Essas condições passam por trabalho e disciplina**. Em geral, escrevo todo dia, sempre de manhã, quanto mais cedo melhor. Sem interrupções de fora. E com possibilidade de uma vista agradável, quando levanto os olhos da página”.

(3) “Nasci e me criei no Rio, mas quando era criança costumava passar os verões na praia de Manguinhos, no Espírito Santo. Ficava quase três meses por ano à beira do mar, **com meus avós, junto à natureza e às tradições**. Como não havia eletricidade, todas as noites **as pessoas se reuniam para contar e escutar histórias**. **Cada adulto tinha a sua especialidade, contando os mais variados tipos de história**. **Tenho certeza que sem os verões em Manguinhos eu escreveria bem diferente**”.

(4) “Era uma boa aluna e **vivia ganhando prêmios – em geral livros, da família**. **Uma das minhas redações foi tão elogiada e premiada** que a mostrei em casa. **Meu tio Nelson, que estava lá, levou o texto para o meu tio Guilherme, folclorista** – e essa **acabou sendo a minha estréia literária**. Devidamente assinado e aumentado, por encomenda da Revista Folclore, saiu publicado meu arrastão, sobre as redes de pesca artesanal em Manguinhos. O meu orgulho supremo foi que a revista não falava que o texto tinha sido feito por uma menina de doze anos”.

(5) “A minha **adolescência** foi **repleta de livros**, que me proporcionaram grandes prazeres e descobertas. Ficava **abismada com o jeito de escrever de grandes autores e cronistas**, como Rubem Braga. Na **escola, em casa e com meus amigos**,

estava **sempre rodeada de gente que também gostava de curtir a vida tendo bons livros** ao seu lado”.

A uma primeira leitura dos cinco enunciados selecionados, percebemos que a escritora não apenas narra a respeito de como é seu processo de escrita, mas nos propõe que sua concepção acerca desse processo é marcada por tradições diversas e divergentes.

Em seu primeiro enunciado(1) ela defende que sua escrita está relacionada a duas capacidades importantes: a de memorização e a de imaginação. Dois conceitos que são imprescindíveis no trato com a literatura, especialmente a infantil e/ou infanto-juvenil. Cabendo à memória o papel de rememoração e de reprodutibilidade de acontecimentos que se sucederam com pessoas conhecidas do escritor ou com ele mesmo, e a imaginação a capacidade para inventar e criar com engenho momentos e situações interessantes para as histórias escritas.

Neste enunciado, a autora ocupa uma posição discursiva a respeito do seu processo de escrita, e ao assumir tal posição ela não menciona algo que não seja “legítimo” e apropriado para o estatuto da escrita do autor. Imaginação e memória são os dois processos que fazem parte da escrita do escritor, especialmente do gênero infanto-juvenil. Sendo assim, neste enunciado é determinada a primeira posição discursiva que pode e deve ocupar a autora para ser o sujeito das operações de significação que os enunciados viriam manifestar na superfície do discurso.

Já em (2), a autora propõe que seu momento de escrita remete a dois processos que atendem a duas posições discursivas distintas, mas que estão inscritas em concepções “tradicionais” que circulam na sociedade que enxerga o processo de escrita do autor de tal forma e não de outra.

O primeiro processo nos permitiu reconhecer que a escrita é vista como um projeto milagroso, destinado a poucos e que somente os escolhidos conseguem realizá-lo. Já o segundo processo associa a noção de escrita ao fazer trabalhoso, que exige dedicação e muita disciplina por parte do escritor. Este de escolhido para o milagre passa a ser o disciplinado.

Tais processos são concebidos a partir de concepções que estão inscritas nos discursos que circulam pelo mundo e que Ana Maria Machado sendo sujeito deste mundo passa a ocupar tais papéis. Assim, notamos em um único enunciado a dispersão do sujeito que assume uma posição discursiva e mais à frente, neste mesmo enunciado, enuncia algo que pertence a outra posição. Parece-nos que há o desdobramento de papéis segundo as várias posições que o sujeito ocupa no interior de um mesmo texto. Vejamos que estas duas posições ocupadas pela autora remetem a diferentes concepções, inscritas em lugares e em momentos distintos da história ocidental: o autor como representante de uma escrita divina e baseada na inspiração *versus* o autor que trabalha arduamente empregando o método da pesquisa, da prática da escrita e da reescrita e do atributo da disciplina diária.

Por outro lado, os três últimos enunciados (3, 4 e 5) propõem uma concepção de escrita ligada a tradições variadas. Primeiro, Ana Maria Machado relembra como os verões na casa de praia dos avós e a ausência de eletricidade, o que fez com que os familiares se reunissem para que histórias fossem contadas e ouvidas por todos, foram

importantes para o seu processo de escrita, na fase adulta. Ela não menciona isto à toa, pois Ana Maria Machado acredita que o processo de escrita deva começar desde criança. Aqui ela ocupa outra posição discursiva que diverge das anteriores já propostas. No enunciado (4), ela associa o seu processo de escrita, da forma como ele é hoje, ao fato de ter recebido incentivo de seus familiares – tio folclorista - para aquilo que ela escrevia na escola e por ter, desde muito jovem, ganhado prêmios literários que a incentivaram a escrever cada vez mais. Mais uma vez não menciona isto em vão, pois assume que o processo de escrita deva ser acompanhado de perto por familiares e pela escola, além de defender a existência de prêmios, reconhecimento e incentivo aos jovens escritores.

O último enunciado (5) atende ao discurso que defende o acesso a bens culturais desde cedo, o contato com a leitura e com a escrita de autores da literatura brasileira e a convivência com pessoas que gostam de ler e ter bons livros. Percebemos que ela diz o que diz, pelo fato de ter tido acesso desde muito cedo a todos os bens culturais, ter convivido com pessoas que liam e comentavam a respeito dos livros lidos, etc. Ela ocupa uma posição discursiva a partir do que foi a experiência dela enquanto leitora e escritora-mirim. Ao narrar estes episódios de infância e de adolescência, notamos que há algo maior no que ela afirma. Ela não está apenas narrando lembranças do passado. Ao dizer o que ela diz, Ana passa a compor uma concepção para o seu processo de escrita enquanto autora. Esta defende determinada concepção ligada à tradição porque ela ocupa a posição discursiva que propõe que o processo de escrita é destinado somente a alguém que se preparou desde cedo, teve incentivo de todos, insistiu, procurou merecer, estar pronto etc.

Se tudo isto que ela diz é verdade, não há como saber e não nos interessa para a análise. Mas é importante percebermos que a autora ocupa várias posições discursivas ao longo dos cinco enunciados escolhidos e que a dispersão do discurso dá-se devido aos diferentes estatutos que o sujeito assume. O sujeito tem uma posição que nunca é única - “ele tá aqui”, “tá ali”, “tá acolá”. Ele nunca é um só em todo o discurso: percebemos na análise as diferentes posições que o sujeito pode e deve ocupar para ser o sujeito de seu discurso.

Portanto, o conceito de discurso, proposto por Foucault, enquanto sistema de dispersão é detectado nos enunciados da autora. Reconhecemos o desdobramento de papéis segundo as várias posições que o sujeito ocupa ao longo de um mesmo texto.

Brandão (1993) propõe que há uma heterogeneidade que é constitutiva do próprio discurso e que é produzida pela dispersão do sujeito. Essa heterogeneidade de discursos, entretanto, é trabalhada pelo sujeito de tal forma que, impulsionado por uma “vocaçã totalizante” faz com que o texto adquira, uma unidade, uma coerência, ora harmonizando diferentes vozes, ora apagando as vozes discordantes.

3. Considerações finais

Ao final da análise, pudemos perceber que o discurso de Ana Maria Machado acerca do seu processo de escrita é marcado por concepções, ainda que diversas e até divergentes, tradicionais.

Ao ocupar a posição discursiva que vincula o seu processo de escrita ao que foi a sua própria experiência enquanto assídua leitora e escritora, desde criança, ela ocupa várias posições discursivas, como verificamos em 2, que circulam pelo mundo. Ao ocupar tais posições, o discurso de concebimento do seu processo de escrita fica atravessado pela dispersão.

Desta forma, o importante para nós nessa análise dos enunciados selecionados foi percebermos as várias posições discursivas ocupadas pela autora ao tentar discorrer a respeito do seu processo de escrita.

¹ Uma formação discursiva para Foucault é possível quando se pode detectar, entre um certo número de enunciados, a dispersão, e no caso em que entre o objeto selecionado para análise, entre os tipos de enunciação, entre os conceitos, entre as teorias e temas, puder ser definida uma regularidade. Regularidade que é possível quando o sujeito harmoniza as diferentes vozes do discurso, ora rearranjando as diferentes vozes, ora “apagando” as vozes discordantes.

4. Referência Bibliográfica

BRANDÃO, Maria H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

FOUCAULT, Michel. As formações discursivas. In: *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MACHADO, Ana Maria. Página Pessoal. Site oficial da premiada escritora Ana Maria Machado. Disponível em: www.anamariamachado.com.br . Acesso em: 05 agosto 2004.